

com diferentes matrizes ao som dos mais variados sons e cores. Nosso livro de liturgia, o **Livro de Oração Comum**, cuja primeira versão apareceu no século XVI, por influência da Reforma, continua sendo à base de culto do Anglicanismo. As províncias anglicanas (nome dado a uma igreja autônoma) se mantêm unidas seguindo o princípio de subsidiariedade, ou seja, as decisões são tomadas no seu próprio nível. Não é necessária uma decisão de um organismo superior, quando se pode governar-se e decidir no nível em que se encontra.

Esta irmandade e comunhão eclesial implicam graves responsabilidades. Significa não tomar decisões unilaterais em assuntos essenciais que possam prejudicar a unidade da comunhão. O anglicanismo afirma o antigo princípio canônico que o que afeta a um deve ser decidido por todos.

### 6. O desenvolvimento da Comunhão Anglicana

Porém na medida em que a Comunhão foi crescendo foi surgindo a necessidade de se criar organismo ou “instrumentos democráticos” capazes de dar resposta a certas perguntas e inquietações que surgem numa igreja global. Vejamos os mais importantes.

Em 1867 teve início a primeira **Conferência de Lambeth** para responder questões de interpretação bíblica. As Conferências são realizadas a cada dez anos e nela participam todos os bispos da Comunhão. Até o momento a Conferência não tem nenhuma autoridade jurídica, mas somente moral e espiritual. Evidentemente, dado ao seu peso simbólico, as suas decisões acabam acarretando certas obrigações. Isso não quer dizer que essas decisões sejam infalíveis, nem que não possam ser revogadas ou refeitas se necessário.

Na Conferência de Lambeth de 1968 se percebeu a necessidade de se criar um organismo mais dinâmico que atuar - se no intervalo das conferências. Assim nasceu o **Conselho Consultivo Anglicano** (ACC) que é um organismo mundial composto por 120 pessoas (bispos, clérigos e leigos). O ACC deu aos leigos e leigas funções importantíssimas na vida igreja.

Também se percebeu que havia a necessidade de se realizarem reuniões menores com os arcebispos e primazes de todas as províncias. Surgiu assim a **Reunião dos Primazes** (1979). Desde de então os representantes de todas as províncias têm se reunido a cada três anos para tratar de assuntos teológicos, sociais e políticos mundiais. Esta reunião tem ganhado cada vez, mas importância na vida da Comunhão.

Finalmente a figura do **Arcebispo de Cantuária** como centro da unidade da Comunhão. Ele é o único que pode convocar a Conferência de Lambeth e seu presidente. O Arcebispo de Cantuária não é o “Papa anglicano”. Ele é nosso líder espiritual, reconhecido por todos como “primus inter pares”: o primeiro dentre os iguais.

*Tradução e adaptação do Rev. Rodson Ricardo+*

# O que é o Anglicanismo?



## 1. O que é o anglicanismo?

O fenômeno do Anglicanismo tem adquirido cada dia mais notoriedade no mundo inteiro. Não é de se estranhar, pois, que muitos se perguntem sobre o significado do termo e sua origem. Alguns podem pensar que o Anglicanismo é o produto acabado da Reforma Protestante na Inglaterra do século XVI. Nada mais falso. Na verdade a reforma inglesa, pelo menos durante o reinado de Henrique VIII, teve um caráter mais político que teológico. No entanto, o ambiente político, social e cultural daquela época proporcionou as bases para gerar a semente daquilo que, séculos depois, seria o Anglicanismo.

## 2. Os termos “anglicano” e “anglicanismo”

Esses vocábulos têm a mesma origem: a palavra latina *anglicanus* que significa “inglês”. Desde o Papa Gregório Magno, no início do século VII, que se conhece a “igreja dos ingleses” (*ecclesia Anglorum*). É claro que naqueles tempos, a expressão “igreja da Inglaterra” (*Ecclesia anglicana*) carecia de conotações nacionais, patrióticas ou ideológicas, e era usada simplesmente para designar uma demarcação geográfica.

Mesmo quando Juan Jewel (1522-1571) e Richard Hooker (1554-1600) escreviam suas apologias em defesa da igreja da Inglaterra, a

compreensão de “igreja anglicana” é bem diferente do que hoje compreendemos como Anglicanismo.

Será somente com John Newman (1801-1890) em 1838, que a palavra passará a ter as implicações teológicas de hoje. A expressão “Comunhão Anglicana” foi utilizada pela primeira vez pelos bispos americanos, enviados em 1847 a Constantinopla para conversações ecumênicas com as igrejas orientais.

### 3. A defesa da Igreja da Inglaterra

É interessante observar que a igreja inglesa nunca se preocupou em ressaltar ou definir, de uma maneira teórica definitiva sua, “identidade doutrinal” (como fizeram as igrejas da reforma ou Romana). Foi somente em resposta aos ataques recebidos, por outras igrejas ou movimentos, que se elaborou uma síntese teológica das suas principais características. Vejamos alguns dos aspectos dessas respostas.

Durante os séculos XVI e XVII, a Igreja Anglicana teve que se defender dos ataques romanos e puritanos. Contra Roma defendeu sua catolicidade, afirmou sua continuidade secular com o cristianismo primitivo (o chamado “consenso dos 5 primeiros séculos”) e negou qualquer alteração substancial dessa fé. Contra os puritanos afirmou uma reforma digna de ser levada em conta, e tão importante, ou quem sabe até melhor, que as realizadas pelas igrejas protestantes. Convém recordar, todavia que, em todas essas controvérsias o espírito que reinou foi o da moderação, de um certo pragmatismo, como uma consciência dos limites da mente humana em relação às especulações sobre o transcendente.

Na segunda metade do século XIX o pensamento anglicano se viu obrigado a lidar com os movimentos do evolucionismo, da filosofia imanente e do criticismo bíblico. O simpósio *Lux Mundi* realizado sobre a liderança de Charles Gore (1853-1932), em 1889, procurou responder a essas inquietudes.

Os eclesiásticos participantes desse encontro procuraram realizar uma síntese entre as idéias do catolicismo anglicano defendidas pelo Movimento de Oxford com as questões científicas, éticas e políticas daquele momento.

O século XIX marcou, dentro da Igreja Anglicana, a idéia de que o espírito católico e reformado que haviam lhe caracterizado poderia ser conciliado com a mentalidade científica moderna. A busca por essa “unidade cristã na diversidade” é o que caracteriza o anglicanismo.

### 4. Os Fundamentos da Fé Anglicana

Os pilares que sustentam a fé no Anglicanismo são três, a **Escritura**, a **Tradição** e a **Razão**. Os primeiro deles valoriza a ênfase evangélica na importância das Sagradas Escrituras na vida da Igreja. Da Tradição reafirmamos o essencial da fé católica: os três credos, o apostólico, o niceno e o de Santo Atanásio, os ensinamentos dos Santos Padres e dos Primeiros 4 Concílios Ecumênicos; a importância dos sacramentos e da tríplice ordem

(diáconos, presbíteros e bispos) com sucessão apostólica episcopal. A Razão está sempre disposta a interpretar o “espírito dos tempos”, a luz das Sagradas Escrituras, atualizando o sentido vivo da Tradição. Exemplo disso foi a questão da ordenação feminina. Para responder os questionamentos do feminismo a Igreja Anglicana precisou fazer uso da Patrística, da moderna ciência bíblica e das ciências humanas e biológicas. Além é claro de muita paciência e oração...

Sem dúvida esse projeto de Igreja, simultaneamente católica, reformada e moderna não é um caminho fácil. Nem mesmo é único. Outras tradições cristãs também buscam realizá-lo. O que é então caracteriza o Anglicanismo?

### 4. O distintivo do Anglicanismo

O que é típico do Anglicanismo é seu modo de aproximar posturas divergentes tentando reconciliá-las no interior da Igreja. Não se trata somente de manter uma *Via média*, um compromisso, uma ponte, entre visões opostas, mas de encontrar um equilíbrio, uma postura equilibrada.

Esta atitude se baseia na constatação de que a Verdade absoluta ainda não nos é acessível (I Cor 13, 12-13). Há sempre que deixar um espaço para a dúvida, para a possibilidade de o outro estar com a razão. A história e a experiência nos mostram que sempre que esquecemos isso fomos levados ao terror ou a intolerância.

Isso não significa um “pluralismo exacerbado”. Existem limites no Anglicanismo. Mas o que nos caracteriza, nas esferas da vida litúrgica, pastoral e dogmática e muito mais uma atitude acolhedora, flexível, compreensiva e moderada. Como bem afirmou Santo Agostinho de Hipona: “No essencial a unidade, no secundário a liberdade, em tudo o amor”.

Agindo assim o Anglicanismo de modo algum implica numa ruptura com a Igreja Primitiva. Antes pelo contrário, significa um desenvolvimento, uma tomada de consciência daquele espírito original no qual os patriarcados existentes (Jerusalém, Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Roma) que possibilitou a Igreja de Cristo chegar ao consenso harmônico fundamentado na liberdade e na responsabilidade mútuas.

### 5. A Comunhão Anglicana

A Comunhão Anglicana é uma irmandade de igrejas em comunhão com a Sé de Cantuária. Dela fazem parte igrejas anglicanas, católicas, ortodoxas e protestantes. É uma comunhão que se expressa em igualdade e companheirismo de vida, em interdependência, em afeto mútuo e respeito. Uma comunhão que reconhece que cada uma das igrejas individuais pertence a Uma, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Jesus Cristo e participa da missão de todo o povo de Deus.

Em meados do século XIX a Comunhão Anglicana consistia de três igrejas. Hoje são mais de 38 espalhadas por 147 países, com cerca de 70

milhões de féis em todo o mundo. O anglicanismo atual é um mosaico variado de etnias, línguas e culturas que expressam sua fé, em uma base comum, mas